

do livro de Afonso Ribeiro, a sair:

O velho estava empapado em suor. A febre queimava-lhe o sangue. Desde pela manhã que não soltava uma palavra. E o sol já ia para lá do pinhal. Quando chegasse por cima do monte cairia rapidamente e a noite desceria então.

O velho estava empapado em suor. No quarto um silêncio pesado de morte. A mulher partira logo ao fim da janta. Um recado do Dr. Alípio. O recado viera para o velho. Mas onde tinha ele forças que o levassem à quinta, uma boa légua por caminhos maus, sempre a subir? Foi a companheira. As pernas não a ajudavam, sim. Beirava os setenta e todo o seu corpo tremia. Alguém no entanto teria de ir. Com o filho não podiam contar. Desde que lhe acontecera aquela desgraça de ficar sem o braço e o rosto cheio de cicatrizes de alto a baixo, que andava como doido. Sempre metido nas suas cismas de homem inutilizado. Com vinte e cinco anos e pósto de banda como uma coisa sem préstimo. A ver correr os dias. A ver o tempo correr. As raparigas desviando os olhos da sua face medonha, do seu membro amputado. Toda a gente tratando-o com dó. Uma criança podia rir-se dele, bater-lhe. Não era mais um homem. Que desejavam então? Deixassem-no. Deixassem-no. E procurava a sombra das matas, fugia dos outros seres, fugia de si.

Foi a companheira. O velho viu-a partir de lenço atado sob o queixo, sala remendada. E descalça. A terra lá fora devia escalear. Mas ela ia descalça. Do traço da porta, um pé já nas lajes da cozinha, falou-lhe ainda. Se queria alguma coisa. Disse-lhe que não com a cabeça e ficou a encarar a nesga de céu que o janelo recortava. Uma dor persistente errava pelo seu corpo. E uma segura na garganta, uma vontade de pôr um caneco de água à boca e beber, beber, beber até não poder mais, até rebentar. Devia ter pedido água à Rosalina. Agora iria atravessando o pontão, talvez. Mas não, não ia. Andava como menino que deixa de engatinhar. Que os anos pesavam. E as cãs iam. E que trabalhos eles haviam passado... Uma vida de negros. Sempre no duro. Também ninguém acreditaria que a Pala, inveja de quanto lavrador se contava nas redondezas, fosse antigamente tracto de sargaços e ortigas botado ao abandono. Só mesmo quem tivesse conhecido o lugar. Lá ao fundo, junto ao soito do Amâncio,

havia uma cerdeira. Uma cerdeira com dois galhos secos. Nem uma folha botava na primavera. E árvores só aquela. Arrancou-a pela raiz. Quis no mesmo sítio plantar um castanheiro. A mulher opôs-se. Deviam plantar uma macieira. Produzia menos sombra e frutificava mais depressa. Concordeu. A macieira cresceu e era aquela beleza que todos podiam ver. Fora a sua primeira obra, ali. Talvez por isso lhe dedicava um amor especial. Não teve coragem de comer a primeira maçã que nela colhera. Apodreceu na caixa. Há quanto tempo isso ia!

E, na modorra da febre, melo esquecido da doença que o atava à enxérga, ficou-se a recordar essa vida de luta com a terra, luta de todos os dias, de todas as horas, mas obscura e humilde como a sua própria existência.

Fôra há cinqüenta anos. Nessa época contava ele vinte e dois. Nem mais, nem menos. Vinte e dois feitos pela Senhora da Lapa, em Agosto. E só no mundo, sem ter onde cair morto. O pai findara de desastre. Desastre numa pedreira. Um tiro que carregava e que rebentou a destempo. Foi ele e outro. Ficaram em postas. Apanharam os bocados e meteram-nos juntos num caixão. O senhor para quem trabalhavam, um juiz aposentado, pagou as despesas do entérro e mandou dizer uma missa pela alma dos que acabaram ao seu serviço.

A mãe já havia ido. Chamavam-lhe a Pitaia e tinha um génio bom. Vendia doces pelas feiras e arraiais. Ganhava pouco. O homem, aos domingos, quando recolhia da venda do Belmiro, zurrizava-a sem piedade. Não invocava razões. Bateria-lhe dir-se-lia que para satisfazer uma necessidade qualquer, um desejo que o vinho lhe trazia. Depois tombava para um canto e vomitava tudo. Ela metia-o na cama a chorar um choro sem gritos, manso, de vítima que perdoa ao algoz. Deu-lhe um ataque no mercado de Moimenta. E desde então nunca mais se ergueu. Morreu como vivera: calada, boa, sem importunar ninguém. A casa encheu-se de pesos. Muitas mulheres choravam. Ele andava dum lado para outro, entre a gentiagem, sem saber o que fazia. A mãe morrera. Só sabia isto. O peito estalava-lhe. Queria estar num

lugar onde ninguém o visse, onde não visse ninguém. E gozmir, dormir. Levaram-na ao outro dia, a tarainha. Lembrou-se do padre com uma cruz e dos homens pegando no caixão. O pai arrepelava-se, chorando em bica. Ficaram ainda algumas pessoas aconselhando coragem. Depois também essas saíram e ficaram só os dois na cozinha, sentados um em frente do outro, sem terem que se dizer. A casa, tão pequena, dois cubículos e a cozinha, parecia-lhes imensa. Imensa e muito fria. A lareira apagada. Um desejo terrível de se deitarem e sem forças de cada um ir para o seu quarto. Medo de ficarem sos, com a imagem da morta deitada nas suas camas, roçando-os, falando-lhes. E que-daram assim, um diante do outro, mudos, pensando na que partira, até de manhã.

Depois foi a desgraça do pai. Não sentiu tanto a sua perda. Nunca o tinha amado muito. Viviam como estranhos. A mãe falava-lhe de tudo, sorria-lhe. Meu filho para aqui, meu filho para ali. E o seu olhar de animal bondoso sempre a acariciá-lo. O pai, pelo contrário, só lhe dirigia a palavra para atirar ordens ou censuras. E no fim, invariavelmente, aquele «entendes-te?», com uma voz mais forte, um acento mais autoritário, como se lhe jogasse uma pedra. Mas mesmo assim sofreu. Talvez sobretudo por se encontrar órfão, por não ter uma companhia com quem comesse o caldo, à noite.

Eram as suas horas mais tristes, as das refeições. O silêncio pesando-lhe nos ombros, na cabeça, na alma. Enchendo o casebre até o telhado, transformando o casebre numa cova de cemitério, com ele lá dentro, debaixo da terra, longe de todo o mundo. Quando o pai vivia, ao menos, tinha-o ali, a dois passos, do outro lado da fogueira, com o garfo numa das mãos e a tigela na outra, comendo. Calado, de olhos sem o fitarem, sim. No entanto ouvia-lhe a respiração e os dentes mastigando a comida. E aquela presença dum ser humano, aquela certeza de que não estava só, concedia-lhe uma paz suave, um íntimo bem-estar de que afinal nem suspeitava. Agora apenas a sua própria sombra para encarar e uma tristeza de condenado a subirlhe do peito. Nos outros lares a família reunida, uns dizendo uma coisa, outros outra. Ele abandonado, esquecido de todos.

Atirava-se para o catre com vontade de estoirar. A lembrança da mãe visitava-o. Não compreendia por que se lembrava mais dela, agora.

E a solidão surgia-lhe mais penosa. A luz da aurora libertava-o. Quisera que o dia não tivesse termo. Andaria com gosto de enxada nas unhas a vida inteira, a cavar, a suar, a sofrer, mas com gente ao lado, mesmo gente desconhecida que o não estimasse, que se risse dele.

Na aldeia estimavam-no. Servical, sério, incapaz de uma má palavra para quem quer que fosse. Mas mau partido para casamento. Não possuía um palmo de terra de seu, o casebre onde vivia era arrendado. Pobre ali, daquele estalão, só a Ana Paiva mais a neta, a Rosalina. A Paiva andava de porta em porta a estender a mão à caridade. Rosalina ia ao mato, batia os farrapos no ribeiro, forjicava o comer. Nem bonita nem feia. Olhos castanhos, morena, tronco franzino de quem passou muita fome. Bom de ver e de ouvir só as risadas. Ria a propósito de tudo e de nada. Um riso alegre de menina que caía nas almas como uma música.

Uma noite em que o seu isolamento de órfão lhe doía mais, ele lembrou-se daquele riso cantante. Depois foi ela toda que pouco a pouco veio ocupar a sua imaginação. Recordou-lhe as tranças negras e lisas, o nariz levemente arrebicado na ponta, os lábios grossos... Era mexida. O que a levasse iria bem. E uma ideia confusa, uma ideia que viesse de muito longe, começou a rondá-lo. Adorreceu a pensar nisto.

A mãe, agora, já não vinha tão amiúde fazer-lhe companhia. A neta da Paiva roubava-lhe o lugar. Um desejo vago de Lourenço chamava-a a povoar-lhe as suas horas negras de solitário. O que a levasse iria bem servido. Bem servido a valer... Este pensamento e o riso dela não o largavam. Acordava com eles e com eles adormecia. Dois rafeiros a perseguir-lo. Videirinha que ela era. E aquele riso bom sempre a saltar-lhe da boca como água numa bica. O que a levasse... E se ele?...

A pergunta chegou-lhe de repente. Chegou e ficou a revolvê-lo, a fazer parte de si. Seguia-o ao trabalho, deitava-se com ele, preenchia-lhe os sonhos. Precisava uma mulher, uma companheira. Rosalina não tinha nada. Uma pobre de Cristo igualzinha a ele. Havia a avó, a Paiva velha. Deixá-lo! Raparia para os três. Era novo, forte. Houvesse saúde. Rosalina trazê-lo-lhe muito limpo. Aos domingos iriam ambos passear, um ao lado do outro. Logo que pudesse comprava-lhe umas arrecadas. Ajuntariam alguma coisa, talvez. Com um nadinha

de sorte e poupança não sofreria dúvida que ajuntariam. E dar-se-iam como Deus com os anjos. Bater era mal feito. Lá abrir-lhe os olhos de vez em quando, enfim... O pai é que espancava a mulher. A's vezes deixava-a estendida, quase morta. Mas ele não faria isso.

Horas de trindade, certo dia calmo de Maio, topou Rosalina de feição. O trilho deserto, o povo ainda longe. E no ar uma doçura, uma paz de jardim abandonado. Pegados de conversa foram andando. Andando e Lourenço de língua presa, sem coragem de entrar no assunto. Tão bem decorada a arenga e nem uma palavra lhe saía. Derivava para o tempo, as colheitas futuras. Ela ria o seu riso de águas a chocalharem no tanque. E as casas a aproximarem-se. Uma agonia a subirlhe das profundezas, um desejo violento de pôr para ali o coração à mostra e sem achar jeito de fugir daquilo: —Batatal de meter inveja do do senhor Adélio. Também carregou a terra de estrume

que foi uma coisa só vista. Mas tem lá um batatal de alto lá com ele.

Que um raio o partisse. Há mais de mês a pedir a todos os santos que lhe deparassem ocasião azada de falar à rapariga e agora que o ensejo vinha a seu encontro não tugia nem mugia. Homem de borra. Outro fôsse e já as coisas estariam em pratos limpos. Mas ele não adiantava um passo. Só milho para aqui, feijões para ali. Que um raio o partisse.

E viu-a ir batendo os quadris, descalça e franzina, rindo. Teve ganas de se bater. Só mesmo um animal do seu jaez. Andar atrás do momento de se lhe poder abeirar, o momento chega nem que de encomenda e deixa-o escapar como um tolo. A noite decorreu num suplício. Voltava-se nas palhas, tornava-se a voltar. Lá dentro a voz a chamá-lo à liça—a increpá-lo. O suor escorrendo-lhe da testa. E na sua alma uma dor, uma ânsia de que a manhã rompesse.

Talvez um novo encontro pudesse vencer o seu acanhamento: Talvez a sua língua se desprendesse. Tudo o que trazia abafado no seio se soltaria então. Rosalina ouviria calada, de olhos nas pontas dos pés. Ele dando conta dos planos que trazia na cabeça, e ela calada. No fim, alegre como uma macieira na primavera:

—Eu, por mim, Lourenço, estou de acôrdo. Falta só que a avó dê o consentimento.

Maio correu assim. Noites levadas a gizar plenos, noites de febre e sonhos compridos em que a sua imaginação se perdia, se cansava. Depois, pelo dia fora, um mal-estar sem causa, uma insatisfação de todo o seu ser: receio e esperança de seus passos se cruzarem com os passos de Rosalina.

Final desatou o nó com uma simplicidade tocante. Foi ao ela vir da fonte. Já escuro, a aldeia inteira recolhida nos casebres a engullir a ceia. Um cão a ladrar para as

abas do povo. Muito alto, num céu de zinco, estrélas pestanejando.

—Rosalina. Ela parou. O caneco gotejava.

—Rosalina... Um garoto passou a correr com uma garrata na mão.

—Dize lá.

—Queres casar comigo? Decorreu um segundo, dois segundos.

—Estás a mangar... —Pela alma de minha mãe te juro que não.

O peito dela arfou. —Queres?...

Houve ainda um silêncio. Na torre o relógio bateu horas.

—Sim.

—Quando?

Pôs-se a rir:

—Isso agora só perguntando à velha.

Despediu cada um para sua banda. Muito alto, num céu de zinco, as estrélas pestanejaram. O molosso calara-se. Baixo, no silêncio noturno, o ribeiro passava cantando uma toada triste de penitente.

p e n h a

Não espere! pelas festas. Fui antes, muito antes, numa tarde cor de cinza. Evitei de propósito o ruído alegre que desperta a colina durante quinze dias por ano. Os estandartes, para mim, tiram a beleza de qualquer panorama. Sou contra os enfeites, sempre aborreci as festas. A Penha, além disso, nada mais precisa para valorizar o seu encanto, encanto que é dela somente. Aquela colina, aquela igrejainha espetada lá em cima, as casas minúsculas que a gente vê do alto—vamos para a Penha, vamos gozar a Penha, vamos morrer uma hora no silêncio da Penha!

Fui numa tarde cor de cinza. Logo após a ladeira amarela, quando comecé a subir os trezentos e sessenta degraus que me levariam ao templo, meus olhos estremeram e acordaram. De certo que tudo aquilo era diferente. Na própria voz da sanfona

que um pobre cego tocava, absorto como um artista, descobri um significado profundo. A tristeza da tarde, parecia, havia abraçado os sons da sanfona. A tristeza da Penha era como a tristeza daquela voz, voz artificial fazendo-se voz humana.

A ascensão cansa. Muitas vezes a gente tem que parar para tomar fôlego. O vento frio entra pelas narinas e lava os pulmões. Vem lá de baixo um cheiro de campo que é como um cheiro de vida. O céu está azul e há algumas nuvenzinhas brancas, esgarçadas ali e acolá. A cidade é tão grande que se perde onde o horizonte começa. Há também um rio que eu não sei qual é. Um rio de águas calmas e verdes, um rio cheio de curvas.

A igreja lá em cima é o tipo da igreja suburbana que ganhou prestígio. Há um velho de lado, vendendo bugigangas sacras. O sujeito que tiver

uma doença qualquer pode ficar curado com um rosário ou um pedaço de madeira sagrada. Basta enfiar um terço no pescoço ou pregar uma medalha de Nossa Senhora na lapela. Numa parede estão suspensos braços e pernas de gesso, massa e chumbo. Cada um traz uma fitinha colorida, o que dá uma graça de carnaval aquilo tudo.

Nossa Senhora da Penha:

Fui ao teu templo com um intuito diferente. Não fui rezar, não fui pagar nenhuma promessa. Há dez anos que não faço nada disso. Aconteceu que a tarde estava triste e eu mais triste ainda. E como a tua casa fica num lugar também triste, um lugar sempre triste, me botei para lá. Achei tudo muito interessante e só não fiquei alegre para

não me tornar importuno. O céu, as nuvens, o cego da sanfona, as casinhas, o rio verde cheio de curvas—tudo interessante.

Mas porque o caminho que leva os homens a ti estava margeado de mendigos? Havia mulheres de seios secos. Homens de úlceras horríveis, crianças enroladas em mullambos cor de poeira. Uma mocinha tinha um olho expelindo puz e uma doida cantava dolorosamente. Do teu altar, Nossa Senhora, jâmais poderás ver como é o caminho que leva os homens a ti, que leva os homens à prece.

E' preciso que desças do teu altar, que desças os trezentos e sessenta e cinco degraus, pisando um por um. Não macularás a paisagem, não matarás a tristeza. Apenas sentirás a dureza do chão. E será a dureza do chão, Nossa Senhora, que te mostrará a dureza da vida.

JOEL SILVEIRA (Brasil)